







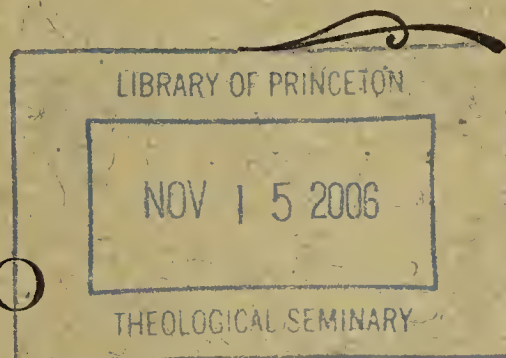
Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL  
(De 1925 a 1938)



## SUMÁRIO

Trinta e um Anos . . . . .	<i>Redação</i>
Religião e Ciência . . . . .	<i>Alberto Lopes</i>
Como os teólogos refutam... (A Pérsia)	<i>Mario Cavalcanti de Melo</i>
«Mediunismo e Oração» . . . . .	<i>Henrique Rodrigues</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Controvérsias sobre Metapsíquica . . . . .	<i>Edson de Abreu</i>
Memórias de um Espírita Baiano . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Dr. Carlos Steagall . . . . .	<i>Agnelo Merafo</i>
A Donzela de Orleans . . . . .	<i>A. Olser</i>
A Morte não destrói a Vida . . . . .	<i>Max Kohleisen</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>
Necrologia . . . . .	<i>Redação</i>



## Interpretação Sintética do Apocalipse

*Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.<sup>a</sup> edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.*

*E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.*

*— A' venda na Livraria «O Clarim».*

*Preço : cr.\$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.*

---

## O DIABO E A IGREJA

### Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.<sup>a</sup> edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

---

Obras mediúnicas recebidas pelo  
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo  
Brasil, Coração do Mundo  
Parnaso de Além-Túmulo  
Cartilha da Natureza  
A Caminho da Luz  
Coletâneas do Além  
Paulo e Estevão  
Pontos e Contos  
Alvorada Cristã  
No Mundo Maior  
50 Anos Depois  
O Consolador  
Gotas de Luz  
Pão Nosso  
Emmanuel  
Roteiro  
Voltei  
Pai Nosso  
Bôa-Nova  
Luz Acima  
Libertação  
Vinha de Luz  
Jesus no Lar  
Volta Bocage  
Agenda Cristã  
Falando à Terra  
Há Dois Mil Anos  
Novas Mensagens  
Missionários da Luz  
Cartas do Evangelho  
Palavras de Emmanuel  
Crônicas de Além-Túmulo  
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À  
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»  
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Trinta e um Anos

*Revista Internacional do Espiritismo* completa hoje o seu trigésimo primeiro aniversário de existência. Quando surgiu à lume pela primeira vez, isto em 15 de Fevereiro de 1925, o seu fundador, nosso querido companheiro Cairbar Schutel, estava longe de imaginar que este seu empreendimento chegasse a alcançar trinta e um anos de existência, tais as dificuldades encontradas para a sua manutenção e difusão. Entretanto esta Revista, com a ajuda dos confrades de boa vontade e dos Caros Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade, conseguiu vencer todas as dificuldades e firmar-se como um dos esteios da imprensa espírita, ficando mais um marco na senda do seu profícuo trabalho de pregar, estudar e defender a 3.<sup>a</sup> Revelação, o Espiritismo, revivificador do véro Cristianismo.

Quando o nosso caro companheiro Cairbar partiu para a Pátria Espiritual, ocorrência esta verificada em 30 de Janeiro de 1938, portanto há 18 anos, também nós, os seus continuadores, em face do volume da tarefa, não pensavamos que esta Revista alcançasse trinta e um anos de existência, treze anos com Cairbar e dezoito anos com os seus sucessores. E esperamos em Deus alcançar ainda mais alguns anos, se isto nos fôr permitido, pois boa vontade nunca nos faltou e nem nos faltará no trabalho es-

piritual, tanto mais que já estamos habituados a superar as dificuldades, o que conseguimos com a fé que nos dirige os passos e nos encoraja nas duras pelejas.

Ao traçar estas linhas, salta-nos à mente o nome de um grande idealista, Luiz Carlos de Oliveira Borges, companheiro de Cairbar na fundação desta Revista. Ele foi o alicerce material, porque comprou a máquina em que deveria ser impressa a Revista, tipos, papel, etc. Depois do passamento de Luiz Carlos de Oliveira Borges sucedeu-lhe no adjutório material sua esposa, D. Maria Elisa de Oliveira Borges, constituindo este fato prova de que o Alto não deixa sem o necessário aqueles que estão ao seu serviço.

Apesar das grandes dificuldades surgidas em consequência da situação internacional, com tendência a se agravar ainda mais, temos mantido e publicado com regularidade este órgão, publicando artigos selecionados e um bem desenvolvido noticiário do movimento espírita em geral, bem como os fatos espíritas verificados no mundo e que chegam ao nosso conhecimento.

O nosso trabalho, embora possa ter algumas falhas, não tem sido em vão. E o número crescente de assinantes nos autoriza a afirmar assim. E isto devemos aos nossos distintos colaboradores, auxiliares de redação e oficinas, representantes locais, representantes-viajantes,

aos quais agradecemos de coração tão valiosa e indispensável cooperação nesta obra, que nos é comum, agradecimentos que tornamos extensivos aos Caros Espíritos que nos orientam e assistem nes-

te trabalho, em particular ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que faz ainda parte integrante desta obra por êle fundada.

# Religião e Ciência

## A ÚLTIMA PÁScoa

— IX —

Os judeus comemoravam, anualmente, a retirada do Egito com uma festa religiosa, a que davam o nome de Páscoa. Jesus, fiel a essa tradição e quando estava para terminar, na Terra, a sua missão de Enviado Celéste, depois de haver dado as últimas instruções a seus discípulos com minuciosos detalhes sôbre a natureza divina dessa missão, resolveu reuni-los em uma ceia, numa casa familiar, a qual se revestiu dos característicos de verdadeira festa de confraternização. Antes, porém, de realizar essa ceia, ensinando a multidão que o procurara, na Sinagoga de Capernaum, como narra o Evangelista João no cap. 6, vers. 27 e 48 a 59, êle esclareceu: «Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna a qual o filho do homem vos dará; porque a êste selou o Pai, Deus. Eu sou o pão da Vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Êste é o pão que desce do céu, para o que dêle comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém comer dêste pão, viverá para sempre: e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo».

Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: «Como pode nos dar êste a sua carne para comer?» Jesus, então, lhes disse: «Na verdade, na verdade, vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nêle. Como

o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem me come a mim, também viverá por mim. Êste é o pão que desceu do céu; não como vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer êste pão viverá para sempre».

Ao notar que muitos de seus discípulos, ouvindo-o, vacilavam em acreditar no que ensinava, a êles se dirigindo, conforme os vers. 61 a 63 do mesmo cap. 6 do Evangelista João, disse-lhes: «Isto escandaliza-vos? Que seria, pois, se visseis subir o Filho do Homem para onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que vos digo são espírito e vida».

Realizada a ceia confirmou o nosso Divino Mestre, o que havia ensinado nos vers. que já citamos, dando-lhes, porém, outros símbolos para sua real e verdadeira interpretação.

Vejam os vers. 15 a 20 do Evangelho de Lucas: — sentado, Jesus, à mesa com seus discípulos, disse-lhes: «Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus; e tomando o cálice e havendo dado graça, disse: tomai-o e reparti-o entre vós; porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus. E, tomando o pão e havendo dado graça, partiu-o e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Êste cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós».

Para podermos elucidar o sentido verdadeiro das palavras do nosso Divino Mestre nos ensinamentos evangélicos trans-

critos e anteriores aos relativos à última páscoa, na qual tomou parte com os discípulos de seu primeiro colégio apostólico, necessitamos recorrer as interpretações que já apresentamos no capítulo sôbre os mortos é a vida espiritual.

Para isso, é preciso levar em atenção que Jesus, em alguns de seus ensinamentos, como nos parece, considera como mortos os espíritos sepultados nos túmulos da carne. Nos vers. 21 e 22, cap. 8 do Evangelho de Mateus, ao discípulo que lhe pediu permissão para ir sepultar o pai, êle respondeu: «Segue-me e deixa aos mortos sepultar seus mortos».

Através, pois, de suas parábolas e das afirmações que fez sôbre a existência da lei da reencarnação, quando esclareceu que Elias se reencarnara com o nome de João Batista, bem como pelas instruções que forneceu a Nicodemos relativas a necessidade dos renascimentos, evidencia-se que o espírito reencarnado, envolto nas trevas das imperfeições, deve ser considerado como morto, por não poder perceber, nêsse estado, a luz da Espiritualidade. Enquanto permanecer nessa situação manter-se-á preso aos planos das expiações e provações indispensáveis à sua reabilitação, para então lhe ser permitido, após o resgate de suas faltas, conhecer a vida espiritual e nela realizar outras jornadas de aperfeiçoamento.

O pão da vida ou pão vivo que desceu do Céu, «representado na pessoa de Jesus», devemos compreender como alimento espiritual consubstanciado no conjunto dos ensinamentos contidos na Doutrina que Êle revelou à Humanidade. O espírito que se nutrir dêsse alimento ressurgirá das trevas da ignorância e da maldade para conhecer a Verdade que o libertará, no último dia de sua peregrinação terrena, da morte das reencarnações.

Se os preceitos da lei divina contidos no Decálogo nos foram revelados por intermédio de Moisés, a graça de nossa reabilitação espiritual, nos veio com o advento do Cristianismo.

A frase de Jesus — «vossos pais comeram o maná no deserto e morreram» — consubstancia o alimento espiritual existente nos ensinamentos contidos nos vers. 31 e 32, cap. 16 do livro—Exodo—do Velho Testamento, assim redigidos: — «E chamou a casa de Israel o seu nome maná; e era como semente de coentro branco, e seu sabor como bolos de mel. E

disse Moisés: Esta é palavra que o Senhor tem mandado: Encherás um gomer dêle em guarda para as vossas gerações para que vejam o pão que vos tenho dado a comer nêste deserto, quando vos tirei da terra do Egito».

Assim, se pode concluir: que a Humanidade até a vinda de Jesus, esteve representada por espíritos atrasados; e, por isso, sujeitos a se reencarnarem periodicamente. Na ordem natural da evolução humana o progresso se realiza, através dos ciclos de aperfeiçoamento previstos nos planos concebidos e delineados, com fins providenciais, pela Sabedoria Divina.

Com Moisés, a Humanidade se nutriu com o maná no deserto, isto é, alimento espiritual composto de conhecimentos espirituais limitados a um período de evolução para determinado número de gerações. Com Jesus recebeu o pão da vida ou o pão vivo que desceu do Céu, representado por conhecimentos mais amplos destinados a libertarem os espíritos das imperfeições que os prendem ao plano das reencarnações estabelecido para a vida terrena.

Para melhor examinarmos o sentido alegórico das palavras de Jesus, na última ceia, considerando como seu corpo o pão que partiu e distribuiu com os seus discípulos vamos trascrever de «A Genese», de Allan Kardec, os seguintes trechos: — n.º 21, cap. 3.º. A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no envólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo»; no n.º 13 do cap. 10, da mesma obra: «no pão e nos legumes que se comem, não há certamente carne, nem sangue, nem osso, nem biles, nem matéria cerebral; entretanto, êsses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias tão só pela transmutação de seus elementos constitutivos». Jesus ao observar, antes da última ceia, como já comentamos, a surpresa de seus discípulos por não compreenderem o simbolismo de suas palavras em se considerar como o pão da vida, respondeu-lhes: «o espírito é o que vivifica, a carne de nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida».

Crêmos que essas afirmações são claras e perentórias para derimir dúvidas e

restabelecer a verdadeira interpretação que se deve dar às palavras que proferiu na última ceia.

«Fazei isto em memória de mim», foi a recomendação que fez aos discípulos de seu tempo e abrangendo a todos os que, no curso dos séculos, se integrassem pela fé e pelos atos, no programa de reabilitação moral e religiosa que Ele instituiu com a Doutrina que revelou a Humanidade.

No Drama do Calvário se cumpriu e se consolidou, com o seu martírio, a obra de redenção humana sob os postulados dessa Doutrina.

Êsse drama se transformou no marco de luz que se fixou no limiar da era cristã.

Até o ano de 381, dessa era, em que o imperador romano Theodosio, resolveu declarar o Cristianismo como religião oficialmente reconhecida pelo Império, os discípulos de Jesus solenizavam o ato de sua última ceia em reuniões de confraternização, realizadas, anualmente, na data correspondente, em recinto escolhido e sem os aparatos de qualquer pompa litúrgica.

ALBERTO LOPES.

(Esse capítulo termina no próximo número)

## Como os teólogos refutam... (A Pérsia)

— III —

Estudemos a Pérsia sob o aspecto de suas idéias palingenésicas.

Ninguém ignora que a religião dominante neste país é o Islamismo, sob a forma de cisma, tornada preponderante pelo advento de Cafavis. Há, ainda, o Mazdeismo, reduzido, hoje, a um pequeno número de adeptos.

Antes de prossequirmos em nosso estudo, precisamos deixar aqui um esclarecimento necessário. Quando em nosso livro «Reencarnação e suas Provas» afirmamos: «Por mais longe que possamos sondar o passado», frase tão inabilmente explorada pelo ilustre teólogo que nos combate, não tivemos em mira acentuar que todos os povos fossem adeptos das teorias palingenésicas, em uma mesma época. Certamente esta doutrina foi mais antiga em determinados países que em outros, como é lógico. Querer torcer a questão, como maliciosamente procurou fazer Frei Boaventura Kloppenburg, é pôr em prática a velha tática da Igreja Romana, tão nossa conhecida.

Isto feito, sigamos o nosso caminho.

Encontra-se na «Encyclopédie de Berthelot», vol. XX, pg. 1036:

«Referindo-se ao Babismo, religião da Pérsia, assim nos fala P. Otavi:

Com efeito, o Bab e seus discípulos são encarnações de potências superiores. Esta idéia de encarnação e reencarnação, muito antiga na Persia

(ela já existia no Mazdeismo) desempenha um grande papel no Babismo. Os doze primeiros ministros (imans) personificam os doze atributos de Deus. Como êsses atributos, êles são eternos e quarenta dias após a sua morte, reaparecem sob uma outra forma (esta é uma idéia chaikhite) Da mesma maneira, as almas humanas transmigram de forma em forma. Os melhores, guiados pelas cartas da verdade (nome místico pelo qual os babs designam os ministros, quando vivos) se aproximam de Deus para com êle confundir-se, o que é a verdadeira vida, de acôrdo com a doutrina de Tarika.

E' desta forma que o Babismo resolve o problema da vida futura».

Diz-se, afirma Th. Pascal em «Évolution Humaine, à pg. 263, que era crença entre os adeptos do Islamismo a reencarnação, mas que esta cessou depois que Maomé a proibiu. Pensamos com outros, que o Corão só foi escrito depois da morte do profeta, que êste nada escreveu e que só pregou oralmente.

Ê visível, de outro modo, que o Maometanismo é filho de Zoroastrismo e do Cristianismo. Como êles, ensina a unidade universal, a presença divina em todas as criaturas e em todas as coisas (Ubiquidade), a Predestinação, que não é mais que uma forma de «Karma», e a Ressurreição, que é uma expressão da Palingenesia.

Maomé, como todos os grandes místicos, havia percebido e aprendido muitos pontos do exoterismo; os versículos do Corão, referindo-se aos «Companheiros da Caverna» (C. XVIII), indicam que êle sabia mais do que ensinava publicamente, e que não é, talvez, sem algum fundamento, que certos povos asiáticos levaram o exagero até fazer d'êle um «Avatar», a décima encarnação de «Om», — o Amed, ou o desejado das Nações. (É por isso que os afgans vão ainda em peregrinação à Mecca).

O Islam, segundo Borledan, abril de 1897, espera atualmente a vinda de seu profeta, o Mahdi, e uma profecia diz que êste último, será a reencarnação de Maomé.

Se o Islamismo não guardasse em seu coração, um vigoroso germe de exoterismo, o Sofismo não podia ter saído dele, e o Sofis são os santos do Maometanismo, os aspirantes da união do «eu» individual com o «eu» cósmico, do homem com Deus; êles são muitas vezes dotados de notáveis poderes, e seus chefes foram quase sempre taumaturgos.

O Novo Corão, exposição moderna de uma parte da doutrina secreta do Islam, mostra a justeza desta observação.

Eis o que aí se encontra da Palíngenesia :

*«Logo que a alma perde sua casca (corpo) ela forma uma outra.*

*«As almas dos homens e dos animais voltam à Terra pelo ribeiro da infância . . . . .*

*«O homem que morre, vai a Deus, e renasce mais tarde em um corpo novo; o cadáver fica no túmulo, o espírito volta à matriz . . . . . (O que quer dizer: o corpo se desagrega no túmulo; o espírito persiste e se reencarna).*

*«Esta doutrina é tão velha quanto o mundo, e Deus a ensinou desde o começo . . . . .*

*«A alma humana não vai nunca ao corpo dos animais; ao contrário, as almas dos animais inferiores passam a corpos de animais mais elevados, depois em corpos de selvagens,*

*e enfim, em corpos de homens civilizados'. . . . .*

*«O homem só é imortal em seu corpo espiritual, o qual nunca apodrece; êle chora saindo de seu corpo, e chora quando entra novamente». (Questões XXII, vs. 5, 14, 15, 17, 18, 19, 26, 41. — Citados por Laide Caithness, em «Old Trubts in New Light»).*

*«O corpo é uma máscara que a alma toma, e deixa mais tarde, para animar outras mais . . . . .*

*«Os que se amam se encontram em futuras encarnações, etc. . . . . (Questão XXIII, vers. 17, 26, 27, etc).*

Colebrooke nos ensina em «Asiatic Researches» que a atual seita maometana dos Bohrahs crê na metempsicose, como os hindus, e, como êles, se abstêm de carne, por esta razão.

Encontra-se, assim, a doutrina reencarnacionista no coração de todas as religiões antigas, e se elas não ficaram senão em germe em religiões recentes, — o Cristianismo e o Islamismo, — é porque, de um lado, Maomé não possuía o porte de um hierofante, e que a raça à qual êle levava a luz não tinha talvez necessidade de conhecer a Lei dos renascimentos, e que, de outro modo, os verdadeiros ensinamentos do Cristo foram perdidos com a exterminação dos Gnósticos, enquanto os fundadores do Cristianismo exotérico, Eusébio e Irineu, não puderam apreender o espírito e impuzeram em toda a parte a letra. (Th. Pascal, «Évolution Humaine»).

Fica, assim, evidenciado, que a Palíngenesia existia também na Pérsia, mesmo contra a vontade dos teólogos e que nós não fariamos melhor papel guardando na gaveta os nossos escritos, uma vez que estávamos em condições de provar tudo aquilo que afirmamos.

Mas é que o ilustre e ensigne Professor de Teologia Dogmática quis mostrar erudição e não deixou, assim, passar a oportunidade, pretendendo dar uma lição a quem possui muitos mestres de invulgar capacidade ao alcance da mão, ali nas prateleiras.

Mario Cavalcanti de Melo.

---

*Para andardes no mundo, segundo a Lei de Deus, só tendes um caminho: fazer aos outros tudo aquilo que desejais para vós.*

# “Mediunismo e Oração”

Henrique Rodrigues

**M** amigo nos escreve a respeito dos assuntos que nominam êste artigo. Sôbre mediunismo muita coisa já foi dita mas, sendo um fenômeno da VIDA, como todos os outros, jámais terá limites e evoluirá também, acompanhando a evolução dos sêres humanos. A evolução, em sua amplitude, não possibilitando a existência espiritual e física de duas individualidades absolutamente iguais, porque elas se fundiram, provocará reações concomitantemente diferentes, para os exercícios e transe mediúnicamente semelhantes — na classificação geral dos vários tipos de mediunidade.

Dois médiuns sentirão emoções diferentes, mesmo que recebam uma única entidade, até porque *o sentir é fenômeno individual, de percepção impossível de transmitir ao próximo, em suas mínimas expressões.* Assim, a experiência de um serve apenas para o outro, no teòricamente genérico, não no particularmente prático. Isso, entretanto, não cancela o procedimento racional do conhecimento básico das leis do campo mediúnico. Será sôbre essa base que cada um conseguirá levantar o seu edifício. São obras indispensáveis e insubstituíveis para o conhecimento de todos os ramos da atividade mediúnica:

O «LIVRO DOS ESPÍRITOS» e o «LIVRO DOS MÉDIUNS» de Kardec; as obras de Ernesto Bozzano, que cientificamente constituem o mais sólido, claro e completo estudo em tórno do assunto; as obras de André Luiz, ditadas por intermédio de Francisco Cândido Xavier, especialmente sua última produção, «Nos Domínios da Mediunidade». É lá que verificamos o comportamento consciente e inconsciente das criaturas com suas mediunidades oficializadas ou não, os «porquês», e os «remédios». Falaremos agora de uma produção, muito bôa, bastante elucidativa, positiva e que afasta muita fantasia da seára mediúnica.

Quem, como nós, leu minuciosamente o folheto «Mediunismo», ditado pelo espírito de Ramatís, ao médium Dr. Hercílio Maes, não pode esconder seu entusiasmo por êsse trabalho. Há muita lógi-

ca, precisão absoluta no exame do transe de intercâmbio, não apenas entre encarnados e desencarnados, mas ainda, sôbre a comunhão entre a alma do homem e a alma das coisas. Nós que refutamos o Ramatís das «Conexões de Profecias» e do «Sol», sentimo-nos à vontade para exaltar o valor dêste seu trabalho. Achamo-lo utilissimo para quem deseja conhecer os segredos da mediunidade. Finalmente, ainda nêsse ramo, destacariamos a «Ascese Mística», do Prof. Pietro Ubaldi. Muito útil o estudo da mediunidade dentro das quatro faixas de consciência:

- Sensória
- Racional-analítica
- Intuitivo-sentética
- Místico-unitária

Nunca será demais a precaução na escolha de livros sôbre mediunidade. Ao lado de trabalhos sérios e de bôa envergadura, há muita fantasia personalista e fragmentária. O difícil é a seleção.

Um dos fatores de luta íntima do médium, e não apenas dêle, mas dos estudiosos do assunto, é o famoso *animismo*. Entre muita resposta preciosa, Ramatís, ao lhe ser perguntado: «Qual a vossa sugestão para o domínio anímico?», esclarece:

«Não vos aconselhamos a que sufocais o fenômeno anímico, pois *dificultariéis consideravelmente, as vossas tarefas mediúnicas. Os guias não objetivam a criação de autômatos-mediúnicos, tipos de «robots» acionáveis a distância.* (Grifo nosso). O mediunismo, como meio para fins excelsos, não dispensa a educação e a aquisição de consciência espiritual por parte do «medianeiro». Lembremos aquí o trecho final do livro «Animismo ou Espiritismo», de Bozzano:

«Concluo epilogando novamente as resultantes obtidas e o faço em forma de resposta à questão que me submeteu o Conselho Diretor do «Congresso Espírita Internacional» de Glasgow: «Animismo ou Espiritismo?» Qual dos dois explica o conjunto dos fatos? «*Nem um nem outro, pois que ambos são indispensáveis à explicação dos fenômenos supranormais...*»

Vivemos uma época em que não é

tão importante *quem diz*, mas principalmente *o que diz*. A fase de demonstração da sobrevivência da alma, pelas minúcias e detalhes da entidade desencarnada, foi substituída pela tarefa de elevar o homem, por superação, acima do nível dessas exigências, que em geral, é a do homem, que vive o ciclo puramente instintivo. *Não mais o olho e o tacto, o olfato e a audição para que a razão possa aceitar. O elemento de pesquisa agora é outro.* A física moderna matou o mundo concreto, o qual levou consigo, de roldão, as chamadas provas materiais, acessíveis aos sentidos.

\* \* \*

E sôbre a oração? que diremos? Ainda aqui existem características particularíssimas. Cada um ora de uma forma, achando que a oração é isto ou aquilo, que produz êste ou aquêle resultado. Pontos de vista, ou melhor, pontos de situação ao longo da via evolutiva. Uns só oram para pedir, porque confiam no «pedi e obtereis». Outros para agradecer, sempre, por reconhecerem-se beneficiários da magnanimidade do Pai. Alguns, inocentemente, tentam sutilmente o subôrno da divindade em forma de concessões recíprocas. Há os que indagam anciosamente, se justificam ou deixam extravasar a revolta que lhes vai na alma. Temos ainda os que falam bonito, escolhendo riqueza de vocabulário, ao lado dos que mal sabem balbuciar algumas palavras; os que improvisam e os que se utilizam de velhas fórmulas. E ainda poderemos observar um tipo de oração que é muda, expressada pelos tristes e amargurados, miseráveis ou injustiçados, cujo único indício de estado de prece, é o filete de lágrimas a escorrer-lhes pela face. Para alguns, a oração deve ser feita em horas pré-determinadas, outros oram a qualquer hora. Muitos exaltam a oração em conjunto, outros o valor da prece solitária.

Existem preferências por *fundo musicais*, e pelo silêncio. Para o místico, a oração é um estado «êxtase», de íntimo colóquio com o Criador, sem lágrimas, sem palavras, indiferentes ao ambiente, num amplexo de paz, com a harmonia do universo.

Admitimos todos êstes tipos de preces e ainda outros, mas a condição única é a pureza de coração, porque, como disse alguém, com sabedoria, «é menos

grave a blasfêmia do ímpio que a prece do hipócrita».

A oração, comunhão que é, entre criado e Criador, é um fenômeno único, com ressonâncias diferentes, pela acústica da alma de cada um. Assim como o impulso gerador da contração,—nascendo no nódulo sinusal, propaga-se pela musculatura cardíaca, estimulando-lhes os movimentos que produzirão a circulação sanguínea, assim também, o estímulo da prece verificará o indivíduo no nível em que êle se encontre. Falho, perigosamente falho, é dizermos que a prece tem dois efeitos, êste e aquele. A prece — não tem limites, porque depende do homem, da forma, do estado e da intenção de quem a faz.

Um dia, acerquei-me imperceptivelmente de uma alma em oração. Era uma, entre milhares de preces que possivelmente estariam «subindo aos céus», naquele instante. Dizia aquele ser:

— «Senhor, se sou bruto, por que me buscas, já que me chamaste sem que eu te procurasse? Eu quisera sentir o que sei, viver na plenitude da perfeição conceptual. Há algo em mim que esbraveja, que se debate, numa ânsia louca por libertar-se. Pesado é o fardo que me retém a tanta coisa má, sórdida e inferior. Por que sabendo o que é melhor, faço o pior? Porque o sentimento de culpa a se fazer sentir no remorso? Por que, Senhor dos Mundos, Tú, que tudo podes, não me esclareces e não me traças um roteiro para não voltar a reincidir em velhas faltas? Há momentos em que interiormente se faz um grande silêncio; parece-me que a natureza exterior e interior cessam seus rumores de vida, na expectativa de minha decisão. Sim ou Não? Momento terrível para mim. Tú, que no dizer de tantos, és o Senhor da Vida, Tú, que tudo podes, ajuda-me a ver claro, porque receio pela minha decisão. Não me deixes só. Bem sabes meu conceito de vida, de misericórdia e de justiça, de determinismo e livre arbítrio, de paz e de luta, de amôr e ódio. Como sairei disso? Dá-me a paz que perdi, num lance talvez da inconsciência. Para que dizer-te mais, se Tú, melhor do que eu, sabes a origem e o melhor remédio para meus males?»

Calou-se o homem. Ele e eu, que o observava, ficamos suspensos da resposta do alto. E ela veio para êle e para — qualquer um que ao céu se dirija, mas na forma sutilíssima e individual; do coração

do Pai Criador, para o coração do filho criado. Pareceu-me que a febre de angustiosa indagação se acalmava e, como se brisa fresca lhe perpassasse pela frente, deixou escapar um sorriso de paz e de alegria. Vieram-me à mente algumas passagens da prece do Viajante :

«Alma cansada que te abates a borda da estrada. Descansa um instante no eterno caminho da vida; deixa o fardo nas tuas expiações e repousa...

«Através das formas exteriores, os dois mistérios o da alma e o das coisas — se observam e se sentem...

«Diante da divina beleza do criado, a tempestade do teu coração se acalma; paixão e dor adormecem a um lento e doce cântico sem fim...

«Pára, ó alma, na tua via dolorosa; enxuga a tua lágrima e escuta...

«A vida é grande e bela e, mesmo sob a dôr, a mais cruciante e tenaz, é sempre digna de ser vivida...

«Se a inteligência dos grandes venera, e se curva temerosa até a potencialidade do conceito e da realização do Criador e se acerca do divino pelas fatigantes vias da mente, o coração dos humildes chega a Deus pelas sendas da dôr e do amôr, e o sente pelas veredas dessa mais profunda sabedoria. Ora a Deus assim, ó alma cansada. Reclina tua cabeça em Seu peito, e repousa.»

A prece não poderia, como não pode, eliminar o doloroso e atual efeito, quando a causa, como foco infeccioso, está intacta. E' no plantío do passado que está a razão da colheita presente. A prece, como comunhão com a harmonia do cosmo, é um haurimento de energias, com o que a mesma cruz nos parecerá mais leve. Não é o pêso que diminui, é a fôrça individual que aumenta. Tanto assim que aquêle homem, antes triste e amargurado, agora sorria em paz. Seus problemas continuariam a exigir-lhe solução; o céu não lhe dera miraculosas e gratuitas explicações sôbre o que fazer, entretanto, êle agora era outro homem, renovado, fortalecido para o prosseguimento da jornada.

E o homem então, mais senhor de si, respondeu à ação balsamisante do céu.

«Senhor: Bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, pois que ela de Ti me aproxima. Prostro-me diante de Tua obra imensa, ainda que a minha parte, nela, seja o cansaço. Nada posso pedir-Te, porque tudo já é justo e perfeito na Tua Criação, mesmo meu sofrer, mesmo minha imperfeição, que é passageira.

Aguardo no posto do meu dever o meu amadurecimento, e na Tua contemplação busco o repouso.»

E o homem afastou-se. Pisava firme e levava a cabeça erguida. Estava medicado... até nova enfermidade...

## LIVROS e AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

### LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, *Ramiro Gama*

Ramiro Gama e o médium de Pedro Leopoldo aparecem, agora num livro originalíssimo: OS LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER.

Já conhecemos e já privamos na intimidade de ambos. Isto até nos põe à vontade para estas notas.

Não há, efetivamente, quem conheça o grande médium de Pedro Leopoldo; quem tenha privado na sua intimidade, que desconheça fatos e episódios de sua vida, relacionados aos Espíritos que o assistem. Pois, senhores, são tais fatos e tais casos que Ramiro Gama conta despreocupadamente, suavemente, doutrinariamente, encantando a gente,

satisfazendo a toda gente que leia seu belo volume...

Nós já tivemos, também, a idéia que o Ramiro pôs em execução. Em 1937, assim conhecemos o Chico Xavier, ainda não conhecíamos o Ramiro Gama. Chegámos, mesmo, a exhibir alguns de seus lindos casos em conferência, em MUNDO ESPÍRITA e na revista O REFORMADOR. Iamos até publicar um volume, DIAS LINDOS DE BELO HORIZONTE, englobando impressões de viagem, nosso conhecimento com o Chico e seus casos lindos. Eugenio Carlos Monteiro chegou a elaborar o desenho da capa, uma linda espiral que não tinha fim. Depois de publicados todas as impressões, os casos que então joeiramos do Chico e as mensa-



gens magníficas que então colhemos, em prosa e verso— muitos até repetidas em nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS — o manuscrito desapareceu não sabemos como. Lembramos, então, que o Chico profligou vivamente, um estudo comparativo que então fizemos entre êle e o Mirabele. O fato era real, logicissimo, passara-se assim mesmo. Mas êle não queria que aquilo aparecesse no livro. Seria maguar muito o companheiro. Escrupulos de homem de bem e de cristão!

A verdade é que, aquele fato, e outros fatos lindos do Chico, não fora, revelados ao público. Nem o livro, cuja lembrança e saudade ainda choramos comovidamente.

Estas linhas não são para tratarem de nós, mas da obra, que bem nos soube, do Ramiro Gama.

\*  
\* \*

Foi M. Quintão quem nos aproximou do Ramiro Gama, em Três Rios, da primeira vez que por lá andamos, Houve, efetivamente, entre nós grande afinidade.

Mas, nossa afinidade nem sempre andou equilibrada, enquadrada na linha de uma amizade inquebrantável. O LAR DE JESUS apareceu. E era preciso que sua idéia e propaganda se fizessem conhecidas. Saiu, então, em REFORMADOR um trabalho do Vinicius, contrário a tais obras. Ou que se nos afigurou contrário. O Quintão tomou seu partido. Escrevemos uma carta esclarecedora, não nos lembramos a quem, contando a atitude do velho Quintão, que não se agastou, nem se inimizou conosco por isso. Essa carta foi bater às portas do Ramiro, que, também partidário do Quintão, revelou-se-nos. Discordamos, porém sem brigarmos. Tanto que, depois, veio residir em Nova Iguassú. Até parece-nos que aceitou um encargo na direção do F. E. Caridade...

Não tivemos tempo de visitá-lo em sua nova residência. Menos por não sermos gente de visita, mas pelo acúmulo de serviços que bem nos sabia realizá-lo, mais ou menos ao tempo e à hora. Ramiro teria se zangado conosco! Nem por isso, deixamos de convidá-lo, e mais à mocidade *Amaral Ornelas*, para o monumental Congresso de mocidade que realizamos em 1948. Se é certo que não

tivemos a cooperação, de ambos, menos certo não é que o *Congresso de Mocidades Espiritas* foi, até agora, a coisa mais rumorosa que já se registrou no Rio de Janeiro...

Acordes e discordes, sempre estivemos juntos, graças a Deus. Briguinhas de espírita, sem ódios e sem rancores...

E voltamos— ai, de nós! — ao mesmo terreno pessoal.

\*  
\* \*

Lemos seu livro com vivo interesse. E o comentamos na sessão de estudos do F. E. C. Houve até uma porção de pedidos de volumes que ainda não recebemos. Comentamo-lo, salientando os casos que se nos afigurou mais pitorescos, mais doutrinários. Trata-se, por enquanto, de um livro como os nossos livrecos, que a gente recebe por favor, paga sem ler; às vezes nem paga e nem lê e nem devolve e nem avisa seu recebimento! Mas, será um livro — afirmamo-lo — para novas edições e para difusão geral.

Ramiro Gama descreve o médium e sua simplicidade, sua vida e suas histórias, num volume que deve ser bem recebido e lido por toda gente...

Estamos em que, noutros dias, quando a *Editora da Federação Espírita* fôr menos restrita e mais franca, um dos primeiros volumes que editará, será o livro de Ramiro Gama, editando edições que se esgotarão, como desaparecem as edições do médium admirável.

Os fatos e episódios da vida e da mediunidade do Chico Xavier, descritos pelo Ramiro Gama, se fôsse coisa comum na vida de qualquer mortal, êsse mortal seria candidato a santificação. Por muito menos, estamos vendo que se está ensaiando uma visão do Cristo, pelo Papa Pio XII, para a sua beatificação, para a sua canonização.

Parece-nos que o Francisco Cândido Xavier não tem pretensão a chamar-se, de futuro, S. Chico Xavier. Parece-nos que não quer ficar devendo esta graça ao Ramiro Gama, claro...

Podíamos alinhar, ou citar aqui alguns dos bonitos episódios do livro. Mas, seria tirar a graça e o valimento do livro que todos devem ler, devem possuir, devem anotar, devem reler.

# Controvérsias Sobre Metapsíquica

EDSON DE ABREU

**E**M continuação à fraterna discussão, de ordem científica, que venho mantendo com o eminente confrade Dr. Carlos Imbassahy, apresento hoje, à consideração dos dois ou dos três leitores, que, de fato, se interessem pelo assunto, algumas considerações sugeridas pela análise do último artigo de meu ilustre opositor, publicado nesta Revista, em março p.p., (1955) sob o título de «Sobre Metapsíquica».

Possa eu, no decorrer de minha análise, não ferir os bons princípios da fraternidade, tanto mais lamentável se acontecesse, quando se considera que meu opositor me excede em idade, e, principalmente, em serviços prestados ao Espiritismo.

Depois de solicitar ao meu leitor ponha diante de si o artigo a que me referí, passo a considerar o primeiro dos três pontos em que se pode dividir a argumentação de nosso confrade.

Lembrarei,—a êsse hipotético leitor a quem me refiro sempre em meus artigos,—que, devendo os que assistem a polêmicas procurarem delas extrair toda lição que puderem, e, não se devendo esperar de mim senão a possível verdade do que defendo, observe êle, no Dr. Imbassahy, ao lado da matéria de sua argumentação, — a graça do estilo, a pureza da linguagem e a habilidade que êle possui no argumentar.

E' o caso, por exemplo, do primeiro ponto por êle abordado e onde se defende—por meio de dois argumentos principais—de haver colaborado comigo. Afirma, em substância, (cf. pág. 34, 2.<sup>a</sup> coluna, paragr. segundo) que basta transcrever fielmente uma opinião do A., transcrevendo-lhe as frases sem as alterar, para que não exista colaboração. Corro a lembrar que nem sempre é assim: o sentido de palavra ou de frase muita vez só é percebido quando relacionada com as frases que a antecedem ou a sucedem. Outras vezes, pode-se alterar o pensamento do Autor, sem lhe modificar as palavras, apenas grafando ou deixando de grafar as palavras, ou ainda fazendo-o mais do que Autor.

Pelo menos é a lição que tiramos

ao ler um livro de autor muito nosso conhecido: o Doutor Carlos Imbassahy... (Cf. Imbassahy «O Espiritismo à Luz dos Fatos», 1935, ed. F. E. B., pág. 271, cap. «A opinião de um Bispo»).

Ora nosso Confrade colaborou indevidamente comigo não apenas em relação à palavra «tese» (como veremos adiante) mas também por haver levado seus leitores menos avisados a crerem que, por meio da mal fadada epígrafe, (cf. págs. 34, 2 a col., §3) eu queria dizer devesse a Metapsíquica se preocupar com problemas eminentemente filosóficos, como a reencarnação, lei de causa e efeito etc. Com efeito: no primeiro artigo de refutação (Rev. Esp. do Brasil, abril-maio-junho de 1953), Imbassahy depois de citar o tal trecho em epígrafe, ensina-me dizendo que o fim único da Metapsíquica é o estudo do fenômeno supranormal e logo depois, em cinco parágrafos desenvolve o assunto e conclue dizendo que os espíritas além de metapsiquistas são filósofos e se servem daquela base para documentarem suas afirmações sobre a imortalidade da alma, lei de causa e efeito etc., e afirma pertencerem tais doutrinas a *outra disciplina* (grifos meus), o Espiritismo.

Ora, o que eu dizia era coisa muito diversa; apenas, aquilo que completava o sentido de meu pensamento, *estava no parágrafo seguinte...* E, apesar disso, nosso confrade não sabe onde está sua colaboração!... Foi, aliás, o que amplamente explanei em meu artigo de janeiro último (1955) nesta Revista.

Concluamos o exame do primeiro ponto, examinando o que nosso Confrade achou de dizer a respeito da palavra «tese».

Dissera eu, em janeiro, nesta Revista, que a tese do artigo que provocara toda a discussão — aliás fraterna, — era a conveniência de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pela *palavra* Metapsíquica e não, como queria nosso Confrade, pela afirmação de que a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade dos fenômenos metapsíquicos. E agora nos diz nosso eminente Confrade:

«Mas «tese é uma proposição que se apresenta». Se Edson de Abreu apresenta essa proposição, pareceu-me natural que lhe chamasse tese. O que eu não compreendo é a minha «colaboração».

E, sentindo, (quem sabe?) a fraqueza da argumentação, apela para uma espécie de redução ao absurdo:

«Se êsse distinto beletrista se lembrar de dar um nome qualquer a seus escritos e eu lhes chamar artigos, que é como toda a gente chama, não sei porque estarei «colaborando».

Sim, mas o que também toda a gente sabe, é que quando alguém fala em *tese* de um artigo (ou de um livro, ou de uma conferência) refere-se à idéia central do artigo, aquele ponto principal sobre que se escreve. Ora, no caso vertente, aquela idéia a que se atirou o Dr. Imbassahy era *uma das teses secundárias de meu artigo*, usadas porque me pareciam ter valor para auxiliar a defender A Tese de meu artigo. A semelhança de demonstração matemática, em que, muitas vezes, empregam-se teses já conhecidas para se chegar à tese que se quer demonstrar. Aliás, em meu artigo aquele ponto não se referia propriamente à minha tese, tinha outro objetivo, tanto que poderia ser dali retirado sem que se perturbasse o valor da argumentação.

Todos conhecem isto muito bem, de sorte que, sem mais demora, passaremos ao estudo do segundo ponto de seu artigo.

Ao considerar a opinião já tantas vezes por mim referida segundo a qual a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade do fenômeno metapsíquico, o Autor nega simplesmente a opinião supra que eu reiterara, sem fazer referência, mesmo de leve, aos esclarecimentos por mim prestados. Esqueceu-se, em consequência, do que lhe impunha a honestidade científica. Desta vez nada tenho a refutar, pelo motivo acima, e só me resta enviar o leitor ao meu artigo de janeiro último (1955), nesta revista publicado.

Passemos ao terceiro ponto — e último—da argumentação de nosso Confrade. Expliquemos, historiando, como se desenvolveu minha argumentação: — 1) na Rev. Esp. do Brasil, janeiro a março de

1953, à pág. 22 eu citava pequeno trecho de artigo do Dr. Imbassahy, publicado em «Mundo Espírita» (ano XVIII, n.º 780) em que, respondendo a Três Estrelinhas, que não sabia o que era Metapsíquica, dizia: «Pois saiba que a Metapsíquica é a base do Espiritismo. Não há Espiritismo sem Metapsíquica. Sem essa Ciência perderia toda sua força, todo o seu sustentáculo que é a prova.» Referindo-me a estas palavras, eu dissera que, quando a lera, julgara estar sendo a Metapsíquica colocada fóra do Espiritismo. Logo adiante, entretanto, na segunda coluna da página citava pequeno comentário de ilustre Confrade a recente obra do Dr. Carlos Imbassahy, e, louvando-me nos termos dêsse comentário, publicado em «Mundo Espírita» (ano XIX, n.º 804), afirmava eu «Daí concluí eu, que Imbassahy deve, realmente, aceitar o vocábulo «Metapsíquica» como mais próprio para substituir a expressão «Espiritismo Científico». — 2) Ainda na Rev. Esp. do Brasil (abril a Junho de 1953) em artigo intitulado «O vocábulo Metapsíquica», o Dr. Imbassahy considerando a primeira conclusão, se perguntava como poderia colocar a Metapsíquica fora do Espiritismo quando afirmava que ela era a prova, a base, o sustentáculo do Espiritismo... — 3) Já nesta *Revista Internacional do Espiritismo*, em janeiro p. passado (1955), eu defendia minha idéia supra mencionada lembrando ao meu Confrade que: a) dizer que Metapsíquica era a base do Espiritismo (sem os adjetivos *filosófico, científico* ou *religioso*) era, só com isso, colocá-la fóra do Espiritismo; b) que, por se afirmar que algo era a base de alguma coisa, não significava isso, que essa base devesse necessariamente fazer parte da coisa considerada. Por se dizer que a Metapsíquica era a base do Espiritismo não se segue que devessemos ser obrigados entender que ela estava compreendida dentro do Espiritismo. Tanto mais quando se considera o que expenderei mais adiante sobre a alínea «a» dêste parágrafo... Assim, quando dizemos que a base de nosso corpo são os pés, compreende-se que esta base faz parte de nosso corpo; porém, muitas vezes não é assim. A êsse respeito citei em meu artigo o caso de minha máquina de escrever que se apoia, tem sua base em mesa que naturalmente, dela não faz parte. Lembrei, ainda, o caso da relação entre a Geografia Física e a Geologia, duas ciências per-

feitamente distintas muito embora a segunda seja, em boa parte, a base da primeira... c) Referí-me em seguida ao parágrafo em que, ao meu ver, nosso Confrade sempre muito confuso a respeito dos assuntos que nos interessam, fornecia elementos para os que achavam retirava êle do Espiritismo toda a matéria científica... Após dizer que a Metapsíquica era o estudo do fenômeno, nosso Confrade, referindo-se à reencarnação, lei de causa e efeito etc. assim dizia:

«Tais Doutrinas, porém, já fazem parte de outra disciplina, o Espiritismo».

Que diz agora, em seu trabalho de março, nosso Confrade? — em referência à alínea «a», alega não haver compreendido o assunto, e, muito acertadamente, se abstém de comentá-la. Mais adiante eu a analisarei. Quanto à alínea «b», a propósito de meu exemplo sobre a mesa e a máquina de escrever—volte o leitor a ler o que sobre o assunto eu digo mais acima — O Doutor Imbassahy lembra-me de que sem a mesa não poderei escrever (salvo se escrevesse no ar) quando já então a mesa não seria a base; é o que se dá em Espiritismo. A Metapsíquica é a prova do que se afirma. E exclama:

«Pode ser que um dia prescindia, — quem sabe lá — dessa prova, como o Sr. Edson poderá prescindir de sua mesa, quando conseguir manter no espaço a sua máquina, por algum processo de levitação. Por enquanto, porém, nem o amigo escreve sem um ponto de apoio, *nem o Espiritismo se demonstra sem o apoio do fato*». (Grifos meus).

Muito hábil essa argumentação, como se observa, porque *em si*, é muito boa; no caso, é má, apenas porque não tem relação com o assunto a que se pretende referir. Ora, como nem todos perceberão êste último ponto... De resto, permitiu êsse modo de argumentar se sasse, o Confrade, aparentemente bem, das dificuldades que teria de enfrentar se quisesse tratar do que eu verdadeiramente queria dizer com aquele exemplo e os demais de que falo acima na alínea «b», ao mesmo tempo que o leitor menos avisado é levado a crer que eu dissera que o Espiritismo poderia prescindir do apoio do fato... Lembro—apenas para evitar possíveis dúvidas que nada em meus artigos autori-

zaria nenhuma conclusão naquele sentido. Leia-se meu artigo intitulado «Caos» (Revista Espírita do Brasil, out.-dez. de 1952) em que faço sentir minha crença no tríplice aspecto do Espiritismo, e na necessidade de nos basearmos no fato e no critério científicos.

Concluamos a argumentação tratando daquele ponto já longamente repetido, em que meu opositor, após declarar não ter a Metapsíquica outro fim senão o de provar a realidade do fenômeno, diz que a reencarnação, lei de causa e efeito etc. pertencem a outra disciplina, o Espiritismo. E, diante da minha observação mais acima referida, êle se defende dizendo que aquilo significava, apenas, estarem tais Doutrinas em outro capítulo, em outra parte — a filosófica. Não estão desarticuladas do todo. Estudadas em aulas diferentes, até em épocas diversas, a Aritmética, a Álgebra, a Geometria não deixam de fazer parte da Matemática. No parágrafo seguinte, o A. sustenta o tríplice aspecto do Espiritismo.

Racionemos: 1) eu estou errado e o Dr. Imbassahy não considera a Metapsíquica fora do Espiritismo. 2) êle defende — como eu o faço o tríplice aspecto do Espiritismo; 3) a Metapsíquica há-de, evidentemente, constituir a parte científica do Espiritismo. As outras partes serão o Espiritismo Filosófico (ou nome outro, se quiserem) e o Espiritismo Religioso.

Empregado isoladamente, sem adjetivo do tipo dos mais acima, o vocábulo «Espiritismo» tem um sentido muito geral, pois engloba os três aspectos já referidos. Segue-se que, não considerar a Metapsíquica fora do Espiritismo e depois dizer que ela é a base do Espiritismo, é, no mínimo, uma incoerência.

A esta altura, perguntará o leitor: — «E que tem tudo isto, meu Edson, a ver com tua tese?» — Pouca coisa, responderei, porque também nunca o doutor atingiu minha tese. Devido a isto, e devido principalmente aos equívocos, esquecimentos de meu opositor a controvérsia não é aquilo que eu esperava. Observo, também, que ela ficou como as «conversações in consequentes» de que fala a Psicologia: eu a dizer uma coisa e o Dr. Imbassahy a «responder» com assunto muito diferente. Como ambos já nos explicamos, sugiro seja encerrada aqui a discussão do assunto, pois o que nosso

Confrade queria era explicar sua idéia sobre o assunto, o que já fez. Quanto a mim, pudesse eu um dia, após estudar muito, em livro, tratar de novo do as-

sunto. Até lá, pois, ou... até novo artigo, se a tanto me forçar nosso Confrade, a cujo caráter, moral e inteligência devoto a admiração e o respeito de sempre.

# Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

## XII CAPÍTULO

1) Não me lembro do tempo que permanecemos em Esplanada. Nem quando aí chegamos, nem quando daí saímos.

Como, entretanto, a memória da gente, na infância, retém as coisas com exclusão de datas, melhormente, lembro-me de muita coisa que talvez valha a pena recordar.

2) Nem eu nem meus irmãos frequentamos escolas em Esplanada. Donde concluir que estivemos aí muito pouco tempo...

3) Minha avó demorou-se pouco. Mudou residência, transferindo-se para outro lugar, ficando a casa sob a responsabilidade de minha mãe.

4) Tia Davina queria distribuir os sobrinhos como coisas de sua propriedade, pois colocou o João, ainda pequenino, no *Hotel dos Viajantes*, do filho, e o José, na *sua venda*. A isso se opôs minha mãe. «Não. Meus filhos eu não dou a ninguém. A viver ou a morrer, mas com eles».

5) Tia Davina não gostou. Chegou até a ir em casa e dizer, macriada e sofrendo seu puxamento (aflição de asna) desaforos a minha mãe, que, entretanto, dentro do critério de que «dois não brigam, quando um não quer», nada lhe respondeu...

6) Até o *furto do Leopoldo* veio à baila. Um furto? Assim que visitei, pela primeira vez, sua venda, dei com uma bandeja de cocadinhas brancas, em talhadas, que me aguçaram a gulodice. Não tive dúvida: apanhei uma, e mais outra, e outra mais, pensando que ninguém visse...

7) Comecei aí uma vida à Casemiro de Abreu: «Pés descalços, braços nus, correndo pelas campinas...» Uma vida de menino sadio, o que eu não era, e forte. Na fôrça do sol, enfiava um chapéu grande de palha que, aberto num pon-

to, me permitia ver através do rasgo.

8) Eu era bem gago e falava bem arrastado. O Arcilo, um sapateiro, que tinha boa voz e gostava de serenatas, mexia demais comigo. Quando eu passava à porta de sua tenda de sapateiro, êle me chamava de propósito, só para me ouvir falar. E gozava, quando lhe dizia, com voz arrastada, cantada, gaguejada:

— Não passo aí, porque vou comprar um carrinho pra mamãe...

9) Esse cantor de serenatas alegrava, vez por outra, Esplanada com as suas modinhas. Na época, era a modinha, e não o samba, que representava a música popular do Brasil. De suas modinhas, a de que mais se gostava era a *Barca Bela*:

Pescador da barca bela,  
Onde vais pescar com ela  
Olha o canto da sereia,  
Pescador, livra-te dela.

Larga o remo,  
Colhe a vela.

10) E eu, que, nesta existência, por mais que goste de música e de canto, não trouxe nenhuma boça de cantor e de músico; eu metia-me na rêde e toca a repetir, em voz alta, encomodando a vizinhança, as modinhas do Arcilo...

11) Minha mãe costurava aí demais. Era mesmo a costureira da cidade. As outras mulheres de casa ajudavam-na. Mas, os trabalhos de todos, não dava para nossa subsistência.

12) Havia um rapaz, empregado da Estrada de Ferro Salvador-Alagoinhas-Esplanada, que distribuía a mim e a meus irmãos, diariamente, um pão sova-do, de dois vintens. Acordávamos muito cedo para ir apanhar o pão. Depois, o generoso Higino, o doador, deu ordem para irmos apanhá-lo à padaria.

13) O velho Pôdô, dono da padaria, rico e miserável, procurou enganar-nos, dando-nos pão duro e mal feito. Protestamos. E o velho usurário, olhando-nos, áspero e decidido, a apontar o pescoço, por baixo da boca: «Ora, meninos, o gostinho é só aqui. Cá dentro, tanto faz presunto como pão seco!»

14) Apareceu aí um comprador de fumo em folha, que precisava de meninos diligentes para transportar folhas de fumo, e enfiar-las. Fui dos meninos contratados por quatrocentos réis o dia. Mas, só enfiar folhas de fumo um dia, até antes do fim da tarefa, de tão enjoado e tonto que fiquei.

15) Numa festa de aleluia precisou-se de alguém para ler o testamento de Judas. Foi o José, meu irmão, o testamenteiro. Montado a cavalo, o judas de mulambos à garupa e eu, puxando o animal! Lembro-me, ainda de um versinho, que mexeu com o velho Pôdô, focalizando sua sumiticaria:

Deixo ao velho Policarpo,  
Por ser dono de padaria,  
O forno de meu cavalo  
Para fazer pão todo dia!

E no fim da brincadeira, havíamos ganho dez tostões...

16) A velha Dadá descobriu que havia uns parentes seus residentes num lugarejo perto, chamado S. Paulo. Para lá se botou de pé, na perspectiva de qualquer auxílio mais urgente, que se pudesse aplicar a roupinhas.

Mas, voltou, três dias depois, apenas com notícias, lembranças e uns cajusinhos muito amarelos, maduríssimos, azedíssimos...

17) Também chegou ao conhecimento de minha mãe que perto, na estação de Pedra, havia parentes seus — o velho Euzebio, surdo e bom, cuja esposa era sua prima muito longe, e seu filho de criação, o Angelo, que afinava, pelo coração, com os dois. De lá vieram realmente alguns auxílios, que recebemos com desvanecimento.

18) Ora, eu não tinha, até aí, encontrado sinão dificuldades sérias, e fal-

ta de tudo, e necessidades gritantes. Por isso, uma tarde, embora menino e inculto, pús-me a pensar, deitado à rede, à hora mais quente do dia. A Dadá, talvez compadecida de mim, perguntou-me: — Você tá pensando? Em que tá pensando você?

— Estou descansando meus ossos velhos e pensando na minha vida. Isso fez rir a minha mãe e a toda gente.

19) Um irmão de minha mãe, inferior do Exército, descobriu-nos em Esplanada. Foi visitar-nos. E acertou que, assim dêsse baixa e pusesse sua alfaia-taria de recortar fardas de soldado, voltaria a buscar-nos. Mas, ficou, desde a primeira vista enamorado da Sinhazinha, a costureira vizinha, que êle também levaria, e a mãe, a velha Cota.

20) Assim sucedeu, efetivamente. Estas, e mais o episódio da primeira manifestação de Espírito que eu assisti, foram as recordações mais vivas e mais fortes que ainda guardo de Esplanada.

21) Voltei à Esplanada em 1914, em companhia de outro contador, cuja irmã fôra quasi minha noiva. Fizemos aí, e na fazenda do Euzebio, na Pedra, boas noitadas e boas serenatas. Ele cantava e eu acompanhava-o ao violão, e dizia versos com enfase. Estavam em moda duas modinhas que eram até solicitadas das casas e das ruas:

22) A Caraboo! Cante a Caraboo!  
E o cantor cantava-a com garbo:

«Uma lenda do Norte  
Que conta com singeleza  
O amor que um guerreiro  
Tinha a uma princesa...»

E prosseguia por aqui até o estribilho.

«Ai, minha Caraboo,  
Dou-te meu coração.»

23) E mal terminava, outras vozes:

— Stela! Agora, acorda,  
abra a janela, Stela!

O cantor, ainda mais entusiasmado.

Que noite! O plenilúrio,  
Como um sonho,  
Assim tristonho,  
Boiando pelo Céu, beijando o mar...

As estrelas, no Azul,  
Brilham sorrindo,  
Se estás dormindo,  
Eu venho, meu amor, te despertar...

E a linda canção terminava languidamente :

— Acorda, abre a janela,  
Stela !

24) Uma sobrinha de meu pai — aliás, a cara mais bonita de Esplanada — estava de namoro com o filho de um ricaço da terra, com quem, aliás, se casou. Os tios e primos, que não gostavam do rapaz, nem viam o namoro com bons olhos, tudo fizeram para me atirarem namorando a moça, contra o rapaz.

— Eu ? *Vades retro !* Não voltei à Esplanada para comprar barulhos e inimizades com ninguém.

25) Um rapaz, que se casaria, mais tarde, com uma prima pelo lado paterno, muito verboso e gabola tinha umas casinhas e uns burros de sela, herança paterna. Enfeitiçou-se por mim, pelo cantor. E levou-nos, uma tarde, à Altamira, lugarejo perto de Esplanada, além de Timbó. Fizemos aí uma alegre noitada, a modinhas, violões e recitativos. Mas, não podemos levar aquilo até as dansas que as moças se recusavam a ir dansar conosco, alegando : «Lá, não. Com os dois moços da cidade ! — lá, não !»

26) De volta, no dia seguinte, depois de um almoço improvisado, castigados do sol e de cansaço, sobreveio-nos uma justa sêde. Um coqueiro baixinho, carregado de cachos, aguça-nos a von-

tade de beber água de côco. Mas, não se tinha nem facão nem jeito para tirar os côcos. Um tropeiro, que vem em sentido contrário a nós, com um facão grande à cintura.

27) — Moço : quer nos fazer um grande favor : subir neste coqueiro e tirar aquêle cacho de côcos.

— Eu ? vocês me pedem isso porque não sabem que espécie de homem é o dono desses côcos. Miserável e malvado.

Pode tirar, que nós temos ordem dêle.

— Assim, a coisa muda de figura...

28) E trepou no coqueiro, derrubando os melhores côcos, que os preparou, com seu facão, dando-nos, para bebermos a água. E abertos, depois, para saborearmos a polpa. Fartamo-nos de água de côco e de polpa. E deixamo-lo aproveitando-se do resto.

29) Despedimo-nos e botamo-nos, alegres, de volta. Adiante, um homem mal encarado, a cavalo, um enorme facão ao lado. Fui eu quem falou :

30) O senhor é o dono dêsse coqueiros ?

— Sou, sim. Porque ? — respondeu, áspero.

— E' que está lá em baixo um rapaz, estragando todos os seus côcos.

— Muito obrigado ! Muito obrigado ! E esporeou, indignado, o animal, descida abaixo.

Não sei o que sucedera entre ambos.

Mas sei que daquela brincadeira e leviandade constituíram-se-me uma falta de tal gravidade, cujo remorso sempre me perseguiu.

## Dr. Carlos Steagall — (Crônica Biográfica)

3 de dezembro está intimamente ligado à nossa saudade, porque nos lembra a data do passamento dêsse valoroso companheiro de ideal e de crença.

Carlos Steagall perpetuou-se no movimento espírita brasileiro pelo seu empenho de servir à Doutrina Espírita com o sentimento cristão. E mais saliência, sem dúvida, obteve sua personalidade pela pleiade de filhos que, seguindo as pegadas do progenitor intemerato, valoriza-

ram em muito a tribuna espírita. Nasceu êsse querido companheiro a 25 de maio de 1892, tendo como pais o sr. Guilherme Pierce Steagall e Carolina Crisp. Sua educação primária foi feita em uma escola isolada. Até aos 19 anos de idade não teve oportunidade de definir-se em matéria de religião. Sempre procurou tirar conclusões de princípios diversos ora no Protestantismo, ora no Catolicismo. Certa vez levaram-lhe a assistir sessão espírita.

O jovem perquiridor logo sentiu-se atraído por algo que lhe deixou muito impressionado. Conhecia o grão de cultura do médium, que serviu de intermediário nêsse trabalho prático. O preparo do homem não condizia com o resultado intelectual da reunião. Pois, o médium nada entendia de psicologia, no entanto, forneceu-lhe página de ensinamentos profundos, assinada por São Luiz.

Houve ponto que lhe tocou tão intimamente e de que ninguém alí tinha conhecimento, que só poderia ser atribuído o fenômeno a entidade extra-terrena...

Daí, então, inicia-se êsse moço a interessar-se pela Doutrina Revelada pelos Espíritos. Tornou-se, mais tarde, como o conhecemos, no valor inestimável para as fileiras do Espiritismo. Seus estudos levaram-lhe a tomar contacto com Cairbar Schutel. Aprendeu assim, nos albores de sua formação intelectual, a sentir o Cristianismo Vivo com êsse mestre do jornalismo espiritista. Teve, também, em Piracicaba, convivência com o robusto exegeta Vinicius e essa oportunidade deu-lhe ensejo de estruturar-lhe o aço das convicções pelo caráter de homem independente. Ainda, em Campinas, sob os cuidados fraternos de Souza Ribeiro orientou-se sadiamente na Filosofia Reencarnacionista. Dr. Souza Ribeiro, o polemista distinto e fluente, encitou-lhe outros propósitos e, graças a êsse incentivo, diplomou-se em Odontologia.

Carlos Steagall foi pregador espírita de recursos apreciáveis. Suas palestras eram fortalecidas pelo senso de cultura evangélica. Êle é o que se pode dizer de pregador eclético, tal a lhanza de frases e elegância de conceitos. Quando ocupava a tribuna para falar das verdades esposadas pela Doutrina Consoladora, facilmente se empolgava e enchia de vibrações salutaras o ambiente todo.

Sua primeira preocupação foi o Lar, construído com amor e respeito a Deus. A figura de sua esposa amável e o enfeite de seus filhos amigos davam-lhe confiança e apôio para as atividades dentro da sociedade em que viviam.

Preocupou-se, porisso, em converter ao Espiritismo, antes de mais nada, seus próprios filhos, pois sempre julgou que, nêles, estaria sua maior soma de responsabilidade assumida. Encontrou na consorte bem amada a colaboradora de primei-

ra linha. Essa sua companheira, sem favor, representou-lhe sempre o maior estímulo. Sua mulher representou sempre, em sua vida ativa, a palavra certa nas horas incertas. Na defesa dos postulados da Revelação Nova, foi-lhe a companheira o anjo tutelar em todos os seus atos e atividades.

De seu consórcio vieram-lhe 14 filhos, dos quais 8 continuam no plano físico a honrar-lhe o nome, dando sequência ao programa de suas atividades dentro da Doutrina. Êstes, é-nos grato registrar, são: Elisabeth, Sarah Seide, Valéria, Carlota, Dayse, Lincoln, Denis e Washington. São êsses os filhos queridos e que perfazem a vinheta emotiva da personalidade impar de Carlos Steagall. Pai exemplar, espírita integérrimo, cidadão digno e útil aos seus pares, só poderia ter legado nome capaz de despertar em nós a mais viva admiração e simpatia.

Essa criatura benquista, que hoje, nesta crônica de saudade e carinho, vem inspirar lembrança para que nós o tenhamos vivo, é a lição que representa.

Há dois anos, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, terminou seu ciclo de existência terrena. Seu desencarne precedeu-se a perfeita lucidez. Isto vem confirmar seu preparo para o transe e dizer-nos de sua saúde espiritual.

Sua fisionomia tranquila foi o testemunho do estado de sua consciência, quando respondeu «Presente Senhor» à hora da chamada de seu nome...

A retidão de seu caráter e a consciência impoluta puderam ser apreciadas em torno de si, pois ali estavam na hora em que não temeram o acerto do relógio.

Cumpre-nos o dever de fazer reverência a homens como Carlos Steagall que, no dia 3 de dezembro de 1953, terminou seu ciclo de vida neste plano.

E êste dever mais se nos impõe porque o exemplo e a lição dos homens pedem novos interessados para fazer êste mundo digno de criaturas deste jaez.

Porisso, justa esta página, quando sabemos que o Cristo encontra, de quando em vez, discípulos dignos de Seu salário.

Carlos Steagall foi, de fato, verdadeiro espírita de nossos dias...

AGNELO MORATO.

Franca, 6/1/56.



# A Donzela de Orleans

A. Olser

«A vida de Joana d'Arc foi uma lenda viva.» — *Michelet.*



EINAVA na França, Carlos VII e a Inglaterra dos Henriquez, havia conquistado e dominado quasi a metade do território francês, e já sitiava a cidade de Orleans.

Era propósito da Corôa da Gran Bretanha, anexar aos seus, o domínio da França para constituir um reino unido, como succedeu com a Irlanda...

Uma simples aldeã, cândida, casta e devota, que meditava à sombra da «árvore das fadas», onde escutava as vozes de S. Miguel, Sta. Margarida e Sta. Catarina, foi a heróica libertadora da França.

Joana era uma jovem humilde, analfabeta, formosa e muito viva, que possuía em torno de si uma couraça tão forte de fé em Deus, que constituia uma barreira intransponível de sua pureza e castidade.

As vozes repetiam: — «Irás ter com o sr. de Baudricourt, capitão de Vaucouleurs, e êle te fará apresentar ao rei». Diante de tal insistência, Joana sai de sua modéstia, abandona seus pais, deixa sua terra natal e se dirige à Côrte que a recebe friamente, repelindo-a e chamando-a visionária...

Mas era preciso obedecer as vozes celestiais. Era imperioso dar cumprimento à sua missão. Era necessário salvar o seu país e o seu rei. E ela teima, persiste, insiste e não se abate, não se acovarda e não desanima, até que a levam a presença do volúvel rei que é logo por ela reconhecido à primeira vista, muito embora êle estivesse disfarçado e confundido entre a multidão de fidalgos!

Pedem-lhe um milagre e Joana responde que veiu apenas cumprir as ordens divinas. Reune-se o Parlamento. Constitúe-se uma comissão de teólogos. Consultam-se os Conselheiros do Rei. E, afinal, ei-la transformada em um autêntico soldado. Um militar lhe dirige um gracejo inconveniente, invocando o nome de Deus. E Joana o admoesta: — «Tu O renegas e estás tão próximo da morte!» Momentos após, êsse militar cái à água e se afoga!

Necessitava ela de uma espada e manda que a procurem atraz do altar de

Sta. Catarina, onde, de fato, foi encontrada! Empunha um estandarte branco ornamentado com flôres de líz, onde se via também Deus dominando o mundo, entre dois anjos.

Durante o levantamento do cêrco de Orleans, disse ao Capelão: — «Amanhã o meu sangue correrá, porque serei ferida acima do sêio». De fato, uma flecha atirada por um soldado inglês, veiu ferila entre o pescoço e a espádua.

Nas ofensivas ia sempre à frente dos soldados empunhando o estandarte, para encorajá-los e nas retiradas era sempre a última, erguendo-o bem alto como a protegê-lo...

E assim, levando de vencida os invasores ingleses, expulsa-os do território francês e leva triunfante Carlos VII a Reims para ser sagrado, coroado e reconhecido como rei.

Após a libertação de sua Pátria, abandonada por seu rei, esquecida de todos, cái Joana prisioneira dos ingleses que se rejubilam com a prêsã a quem deviam o fracasso de seus sonhos de conquistas. Presa e ferida, é encarcerada no castelo de Beaulieu e Beaurevoir, onde é posta à ferros.

O cardeal de Winchester que governava a Inglaterra com seu prestígio político, com a sua fortuna e com a sua influência sôbre o Conselho e poderosos ingleses, muito contribuiu para a condenação de Joana.

Pedro Cauchon, bispo de Beauvais, foi o juiz presidente encarregado de seu processo e o responsável pelo seu fatal veridito.

Carlos VII abandonou-a à sua própria sorte. Joana se encontrava sozinha diante de inimigos irreconciliáveis, prepotentes e cruéis. Mas a sua luz interior jamais se extinguiu mesmo dentro das châmas da fogueira que lhe queimaram o corpo!

Respondia com rara e admirável habilidade, convicção e eloquência, às capciosas perguntas dos inquisidores. Eis alguns exemplos edificantes: —

Quando lhe perguntaram se Sta. Mar-

garida e Sta. Catarina eram inimigas dos ingleses, respondeu: — «Elas aborrecem o que Deus aborrece e amam o que Deus ama».

Quando a interrogaram se se encontrava em estado de graça, replicou: — «Se o não estou, Deus permita que o venha a estar, e se estou que Deus me conserve assim».

Quando, para ridicularizá-la, indagaram se S. Miguel lhe aparecia nú, ela desconcertou-os com a seguinte réplica: — «Julgais que Deus não tenha com o que o vestir?»

Como não soubesse lêr nem escrever, obrigaram-na a assinar em cruz uma autêntica confissão EXPONTÂNEA, pela qual se considerava «herética, cismática, idólatra e feiticeira...» mais do que o indispensável e necessário para ser queimada viva!

Em Ruão, na Praça do Velho Mercado, armaram uma grande e alta fogueira. Cobriram o corpo de Joana com barro para que o suplício fôsse mais prolongado! Ataram-na com correntes a um

poste. Acenderam a fogueira e o fogo consumiu uma vida jovem a quem o povo francês devia sua liberdade!

A luz interior continuou influindo no destino de sua Pátria e no ânimo de seus defensores: Os ingleses foram banidos totalmente do território francês.

A França estava livre! mas a jovem e simples aldeã, cândida, casta e devota, transformada em «herética, relapsa, apóstata e idólatra», estava morta!

Ao morrer, pendendo a cabeça, exclamou, num grito: «Jesus!» E dez mil homens choraram a sua morte...

Só os ingleses riam... Entretanto, um secretário do rei da Inglaterra, repetia sem cessar: — «Queimamos uma santa!»

E com a morte de Joana, escreveu-se a mais bela página de uma lenda viva... Vinte e cinco anos após, Carlos VII mandou fazer uma revisão no processo. O Papa Calixto III revoga a primitiva condenação e proclama Joana heroína e santa!

Contradições da história do sentimentalismo humano!...

## A Morte não destrói a Vida

MAX KOHLEISEN

Todas as religiões que se baseiam na sobrevivência da alma, depois do fenômeno chamado MORTE, são religiões espiritualistas.

Mas, perguntamos, por que razão existe assim mesmo aquêl pavor incrível ao surgir numa família aquela grande «amiga» — a morte — pavor êsse que temos observado, com frequência, especialmente no seio de famílias devotas ao catolicismo? Eis, aquí a resposta: trata-se de uma questão de fé! Nota-se que, a fé dos que militam dentro do romanismo é, infelizmente, ainda, aquela fé cega, fé imposta com ameaças muitas vêzes até infantís, uma fé cheia de mistérios incompreensíveis!...

De outra feita, quão diferente é a fé daquêles que já militam na doutrina da LUZ, a doutrina do Mestre Jesus, que o Espiritismo evangélico nos ensina! Ali prevalece «a fé raciocinada» que é a fé viva e compreendida, com clareza, pelos seus adeptos, razão por que não se apavoram ao cumprir-se aquela lei natural e

divina A MORTE, pois já se compenetraram que, de fato, o espírito sobreviverá sempre àquele fenômeno — a morte. Na fé do crente católico, entretanto, surge quasi em geral, a DÚVIDA, quando chega a hora extrema. Como prova disso desejo apresentar, hoje, ao presado leitor um destes exemplos frisantes que temos assistido há anos, exemplo típicamente desconcertante de um lado, em matéria de fé do romanismo, e do outro lado o exemplo de fé viva, cujo protagonista, *por exceção*, foi desta vez um padre católico, sim, católico exteriormente, entretanto interiormente já um adepto da doutrina espírita, convicto a toda prova, pois, foi muito nosso amigo, amizade essa que, também não foi destruída pela morte!

Eis a lição grandiosa que êste padre deu, não só à família enlutada, mas sim, também, à multidão que vinha assistir à cerimônia de despedida de um querido amigo:

«Falece repentinamente o gerente de uma usina no interior, chefe bondoso e

exemplar de numerosa família. Tão compacta era a massa do povo que se comprimia dentro e fóra da residência que só com dificuldade pôde o sacerdote alcançar a porta de entrada onde se encontrava a urna mortuária. Naqueles instantes chegou ao apogeu o espectáculo, aliás pouco edificante e produzido pelos elementos que compunham aquela grande família enlutada de um momento para outro. — Não há palavras que descrevam aquilo que assistimos no interior daquela residência; tal era o comportamento desesperado de cerca de 20 pessoas, de filhos e parentes, para causar mesmo arrepios, tanto por parte de senhoras, de moças e de homens feitos, num bradar verdadeiramente infernal, descabelando-se, blasfemando contra «um Deus injusto», que Deus não existe, Deus que lhes vinha «roubando» o ente querido, idolatrado, etc.!!

Notemos que o nosso amigo, o padre, ficou abismado, também, com semelhante espectáculo de confusão barulhenta. Mas logo se refez e, em seguida, recorreu a êste estratagem, inesperado para todos os presentes, — gritou, também, em alta voz, ainda se encontrando na soleira da porta do recinto convulsionado: «Pedro Feliciano!» (o nome do defunto era outro). Reduz-se agora consideravelmente o pandemônio da barulheira. Mas o padre repete com voz retumbante chamando pelo nome o defunto. Em seguida faz-se um silêncio tumular. E novamente bradou o padre, pela terceira vez, o nome do querido falecido e, só agora, pôde êle avançar por uma ala aberta no meio da massa humana presente, chegando finalmente junto ao caixão; e quando a maior parte dos presentes dirigiu o olhar em direção ao sacerdote a quem julgaram já, muitos, parcialmente desequilibrado, êste, então, agora com calma, assim falou áquela grande aglomeração: «Primeiramente tive a desagradável impressão ter entrado, por engano, num manicômio. Vi-me como perdido aquí e só, quando me veio na mente precisar chamar à razão muitos que aquí se encontram. E assim clamei, chamando pelo nome do nosso muito querido Pedro!»

«Por ventura, alguém, aquí, ouviu o Pedro responder ao meu chamamento?» O silêncio tumular continua e ninguém ousava dizer palavra. Prossegue então, assim, o nosso amigo padre: «Nem vós e nem eu temos ouvido o Pedro responder!

E sabeis porque êle não respondeu? Escutai! O nosso Pedro já se foi, seguiu atendendo ao chamamento de regresso para aquela grande pátria donde nós todos viemos e para onde, algum dia, havemos de regressar, sem nenhuma exceção de quem quer que seja! Olhai agora aquí; o que vêdes neste caixão já não é mais o Pedro! Aquí está sòmente a roupagem ocupada até ontem pelo Pedro, roupagem gasta e já em começo de putrefação; ela para nada mais presta e retornará, por por isso, ao grande laboratório — a terra. O Pedro, como já o disse, não respondeu ao meu chamamento porque o seu espírito já está longe daqui, nas alturas do céu! O espírito, nunca, jamais morre, pois, para a eternidade fomos criados por Deus nosso Pai! Ouso dizer mesmo: Pedro, és um bemaventurado, visto que foste sempre entre nós um ótimo cristão, um chefe de família e um amigo verdadeiramente exemplar, podendo servir mesmo como modelo digno para ser imitado por todos. E, agora, meus presados presentes, espero que todos compreenderam realmente o que se passou com o nosso Pedro que continua ainda e sempre bem vivo, agora no plano espiritual, por certo muito feliz. Por isso deixemos de lamentá-lo, chorá-lo, aborrecê-lo, já que acabo de vos esclarecer a mente que A MORTE NÃO DESTRÓI A VIDA, vida essa que nos vem de Deus nosso Criador e é eterna, embora existam momentos de prova e separação temporárias, assim instituídas por Deus para que sejamos experimentados em nossa fé!»

Assim terminou a magnífica lição administrada pelo bondoso sacerdote romano, nosso grande amigo que, sem dúvida se encontra, também, contente e feliz na grande pátria espiritual. Aquí na Terra, por ter sido sempre franco e leal, fugindo às hipocrisias convencionais, não avançou pelos degraus hierárquicos, pois terminou sua vida reta e simples aquí como um pequenino padrecó; mas, hoje, lá no outro lado, deve representar um espírito de escól e de luz. Firme e convicto soube êle defender sempre a Verdade, aquela Verdade que nos irmana dentro do Espiritismo evangélico e nos libertou não só da confusão dogmática mas sim, também, daquela tão funesta fé cega ultramontana.

*Piracicaba, dia de Finados, 1955.*

# Crônica Estrangeira

## Manifestação Póstuma

«*Revue Spirite*»

Olga Ouskine relatou o seguinte episódio de manifestação intencional. Pertence ao arquivo do astrônomo Camilo Flammarion :

«Meu avô sentia verdadeiro prazer de assustar pessoas quaisquer que fossem, isto de maneira bastante original. Batia palmas com ambas as mãos, três vêzes, no momento em que se estava absorvido, preocupado, e sobretudo, quando se tinha a desdita de estar meio adormecido.

Essa mania o acompanhava desde a juventude e lhe ocasionou alguns incidentes sérios com desconhecidos, ou mesmo com amigos pouco tolerantes. Sua vítima predilêta era uma parenta idosa, Estefania, devota sincera, extremamente tranquila, um pouco apática e frequentemente a dormir em pequenino canto.

Meu avô, encantado com essas boas disposições, sempre a surpreendia quando ela menos o esperava, e de tal modo a assustava com seus terríveis estalos que caía literalmente desmaiada! E êle ria, o desalmado, cheio de gozo, repetindo-lhe à saciedade, que ela podia estar absolutamente segura de ouvir as três palmas no momento de sua morte, não importava o lugar em que viesse a morrer, ainda que fôsse a mil léguas de distância. Passaram-se alguns anos. Certa ocasião, meu avô, antes de empreender uma longa viagem, passou algumas semanas com Estefania, que de resto êle particularmente estimava, o que não o impedia de assustá-la mais que nunca. Era essa uma verdadeira mania, divertindo-o sempre às aflições da parenta. Ao despedir-se de novo lhe afirmou que ela podia estar certa de ouvir as famosas palmas no momento de sua morte. Durante alguns meses não recebeu notícias dêle. Vovô viajava constantemente.

Certa noite, quando ceava com uma vizinha, justamente às 9 1/2 hs., eis que ambas ouvem os três terríveis estalos. Estupefatas além de toda expressão, elas procuraram o esconderijo onde pu-

desse estar metido o meu avô, inutilmente, de resto. A pobre Estefania caiu doente.

Dias depois, ela recebeu um correio especial despachado por meu tio Max, comunicando-lhe a morte súbita de meu avô, no dia 13 de novembro, às 9 1/2 hs., no momento em que todos estavam ceando. Precisamente falavam de Estefania. Meu avô, após grande gargalhada, esvasiava seu copo e caiu fulminado.

A província em que morreu dista cerca de 150 léguas do castelo em que residia Estefânia. Como nessa época não existia o serviço telegráfico, e as comunicações eram difíceis, o tio Max mandou um correio especial, que levou duas semanas para fazer o trajeto.

Todos os membros de minha família certificam o fato.



## Na velha Inglaterra

De «*Estudos Psíquicos*»

Segundo lemos em «Reencarnação», a família real inglêsa dedica-se à prática do Espiritismo, realizando as sessões no próprio palácio Buckingham.

Fato curioso e digno de nota: o Rei de Inglaterra é, também, o chefe da Igreja Anglicana que, por sua vez, proibiu aos seus fiéis de assistirem a sessões espíritas.

E «Reencarnação» comenta, com esta simples frase: «Sinais dos tempos!»

Sinais dos tempos, sim, e também índice seguro de que urge que se respeite e considere o Espiritismo na medida não só em que êle se impuser pela sua moral e superior filosofia, mas também pelo que o mereça a categoria social e intelectual das pessoas que o adotam para sua orientação e amparo na vida.

Basta de ridicularizar e perseguir um corpo de doutrina que se apoia na ciência e só pela razão pretende conseguir prosélitos!



## Alucinação em Vigliano D'Asti ?

Vaga o Fantasma duma jovem morta há quinhentos anos

TORIM, (Ansa) — Quatro pessoas afirmam terem visto, na noite de Natal, o fantasma duma jovem de dezoito anos, morta em Vigliano D'Asti, há cinco séculos.

O cadáver foi realmente encontrado intacto há trinta anos debaixo do pavimento da velha Confraternidade de São Miguel: tinha somente um grampo de ouro fixado entre os cabelos louros.

Dois dos pedreiros que descobriram o cadáver, afirmaram que êste ao contacto com o ar, depois de ter estado durante tantos anos encerrado debaixo do pavimento, se esborou (desintegrou). Permaneceram os cabelos, louros e longos, parte dos quais foram encerrados numa caixinha de madeira.

Mas a caixinha desapareceu misteriosamente.

Quatro homens foram testemunhas do fantasma esvoaçante na estrada da paróquia, na noite de Natal de 1955. — Desses homens só um é conhecido de nome: Emileo Gambarito — e uma mulher que pelo cabresto conduzia uma vitela.

Em certo ponto da estrada, todos viram a sorridente moça branca com cabelos louros.

«Fanfula», 4/1/56.



## Ainda as crianças prodígios

De «Estudos Psíquicos»

A revista «Constança» transcreve de «A Capital», de Rosário, uma notícia a respeito de mais um menino prodígio. E' Carlos Bonicelli, de sete anos.

«Possui uma memória excepcional: soma, divide, multiplica e faz as mais complicadas operações de aritmética, em poucos segundos. E' semelhante a uma máquina de calcular, afirma a citada revista, àqueles mecanismos assombrosos que designamos por «cérebros electrónicos».

Mas há mais: Há pouco ainda o «Diário de Notícias» recebeu de Londres

este não menos sensacional comunicado: — «Um sábio... de 14 anos!»

«A «British Association», uma das maiores sociedades científicas da Grã-Bretanha, reunida agora em Bristol, recebeu ontem uma comunicação feita pela pessoa mais nova que até hoje tomou a palavra nesta sábia assembléia: foi uma estudante de 14 anos, Margaret Silcocks, que leu uma exposição acerca dos costumes dos mochos e seus hábitos alimentares».

Estas notícias provam-nos, à evidência, que «os tempos estão chegados» e que tanto a idade como o sexo nada valem perante o gênio, uma das formas exteriorizantes do espírito.

Que dizem a isto os conservadores das velhas fórmulas?!



## Caso de bilocação e não de telepatia

Estranha ocorrência registrada em Salerno

SALERNO, 2 (AFP) — Um caso típico de telepatia foi registrado em Salerno e, depois de ter sido examinado com grande interesse por vários médicos, será submetido ao próximo Congresso Nacional de Ciências Psíquicas. Pouco depois de ter-se despedido de seu filho, de 22 anos, que partira de motocicleta, a sra. Rosa Palmieri, foi arrumar a sua cosinha. Subitamente ouviu a voz de seu filho, que parecia vir de trás da porta e que a chamava: «Venha depressa, venha me ajudar». Ela abriu a porta mas não viu ninguém. A voz voltou, pouco depois: «Venha depressa, mamãe. Eu vou morrer. Caí em um despehadeiro, perto de Teggiano». A mãe teve então a visão de seu filho ensanguentado, no abismo. Tomou rapidamente um taxi, indicou com precisão o local onde o seu filho poderia ter caído. Chegando ao local, a sra. Palmieri encontrou, realmente, o jovem caído, no abismo, sob sua motocicleta. Transportado para um hospital, o rapaz faleceu pouco depois.

Do «Estado de S. Paulo», de 3/1/56.



## Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação

Realizar-se-á em Buenos Aires, de 1 a 4 de Novembro do ano em curso, o *Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação*. A sua *Comissão Organizadora*, constituída no dia 1.º de Novembro de 1955, está composta da seguinte maneira: Pres., Dr. Juan Carlos

Damonte; vice-pres., Sra. Felipa P. de Laratro; Secretários de Correspondência: Prof. Carlos Castiñeiras e sr. Humberto Mariotti; Secretários de Relações: Dr. Norberto Dengra, Prof. Juan Soto Mendez, srs. Alejandro Eru e Hugo L. Nale; Secretário de Tesouraria: sr. Antonio Melo; Secretário Arquivista: sr. Nicolas Quilne; Secretários de Atas: sra. Olga Caravana Dengra e srta. Hebe Iris Mariotti.

### Notícias de interêsse Espiritualista

A toda pessoa ou instituição espiritualista que deseje cooperar e participar do *Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação* a efetuar-se de 1 a 4 de Novembro de 1956, mediante trabalhos filosóficos, literários, monografias, teses, artigos, e etc., tratando sôbre a necessidade atual do conhecimento da *Reencarnação*, se pede a remessa, o mais depressa possível, à Caixa Postal n.º 79—Sucursal 16-B, para ser incluído nos temários e sessões do Congresso.

A COMISSÃO ORGANIZADORA.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Sessões Comemorativas

A União Municipal Espírita de Matão realizou no dia 29 de Janeiro último, às 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do 18.º aniversário de desincarne do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Fez a prece de abertura, o companheiro Carlos Olson, que depois de breves palavras sôbre o acontecimento, passou a palavra aos seguintes oradores: companheiro Watson Campêlo, confrades Alexandre Barbosa, orador oficial; Orlando Bertachini, Luiz Luca e Leonel Constantino, todos de Araraquara. Falou por último sôbre Cairbar, o companheiro Carlos Olson, presidente da *Ume*, que solicitou ao companheiro Costa Filho para encerrar a sessão, o que foi feito com uma prece a Jesus.

No dia seguinte, 30, dia em que Cairbar regressou à Pátria Espiritual em 1938, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» uma sessão comemorativa do 18.º aniversário do pas-

samento do seu Patrono. Abriu a sessão o presidente da Mocidade, Edo Mariani, que falou sôbre Cairbar e a sua obra.

Falaram a seguir, os companheiros Onofre Batista e Sebastião Casadei. Declamaram poesias varias crianças da Aula de Moral e do Lar Infantil «Cairbar Schutel». Leram trabalhos sôbre Cairbar, Leonor Cruz e Donata Casadei. Fez o encerramento com uma prece, Leonor da Cruz Jorge.

## Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 117.105,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

## Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 7 de Janeiro de 1956

Aberta a reunião, à hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e manda ler a Ata da reunião de 3 de Dezembro de 1955, que é aprovada. No expediente é lido ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Sul apresentando uma consulta. Examinado o assunto, o Conselho manifesta sua inteira concordância com o ponto de vista da Federação Gaúcha e vota, por unanimidade, a declaração seguinte: — «O Conselho Federativo Nacional, tendo em vista a conveniência de ser mantida a unidade direcional do Espiritismo no Brasil, esclarece que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, afim de que não se verifique solução de continuidade no desempenho de suas atribuições». Aprovou o Conselho o programa para a comemoração do Centenário da Codificação, o qual voltou à Comissão apenas para ligeiras alterações.

*Santa Catarina* — O Conselheiro Manoel Bernardino lê carta do presidente da Federação Catarinense, renovando o mandato do representante no Conselho e comunicando a filiação à F. E. C. de mais seis sociedades espíritas.

*Rio de Janeiro* — O Major Luiz Gentil anuncia a inauguração, em Niterói,

do Lar «HUMAITÁ»; o início de obras para um Ambulatório e um Albergue, no Centro Espírita João Batista, em Petrópolis, e ainda outras atividades no Estado.

*Rio Grande do Sul* — O Conselheiro Francisco Thiesen comunica haver sido modificado o Estatuto da Federação Gaúcha e comenta o êxito da Feira do Livro Espírita, realizada em Porto Alegre, sendo vendidos 1.949 livros e atendidas 1.181 pessoas.

*Sergipe* — O Conselheiro Atlas de Castro dá conta da representação do Conselho, em Aracajú, na comemoração do Centenário da fundação dessa cidade, afirmando o êxito da Federação Sergipana no programa executado, com assistência notável e apôio e presença das Autoridades Estaduais.

Feita a prece pelo representante da Paraíba, encerrou o Presidente a reunião, às dezesseis horas e trinta minutos.

## Lourenço Bianchi

Avisamos aos nossos prezados confrades que o nosso representante-viajante, sr. Lourenço Bianchi, acha-se enfermo há meses, não podendo viajar tão cedo.

Solicitamos a Jesus o seu amparo para este abnegado trabalhador da sua seára, afim de que êle se restabeleça logo para continuar a sua tarefa na propaganda da Doutrina.

## NECROLOGIA

### Dr. Joaquim de Sousa Ribeiro

Mais um espírita da velha guarda acaba de se libertar dos liames terrenos rumo à Pátria Espiritual: o nosso grande amigo e companheiro Dr. Sousa Ribeiro, cujo passamento abriu um claro bem visível na fileira espírita, de vez que era êle um dos mais ardorosos defensores da Doutrina Espírita, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Ultimamente pouco trabalhava na seára espírita em virtude da sua enfermi-

dade. Mas assim mesmo estava pronto a atender ao chamamento dos seus confrades sempre que se tratasse de defender a Doutrina dos ataques gratuitos dos seus tenazes adversários, «encostando-os à parede», conforme os seus próprios dizeres.

Os seus argumentos eram irretorquíveis porque se baseavam nos fatos, na lógica, em suma na Verdade, obrigando os seus opositores a baterem em retirada após longa e árdua batalha. Se o Paracleto é o advogado da lei de Deus e da humanidade, Sousa Ribeiro era, na terra, o advogado do Paracleto, defendendo-o com

todas as fôrças do seu coração e do seu entendimento.

Nas horas de meditação, o nosso velho amigo compunha versos, e dos mais inspirados, versos cheios de calor e vida, dos quais muitos foram publicados em «O Clarim», e alguns ainda o serão, de vez que os temos bem guardados.

No dia 31 de Janeiro de 1938, dia do sepultamento do nosso caro companheiro Cairbar Schutel, Sousa Ribeiro compareceu em Matão, proferindo comovente discurso à beira da sepultura de Cairbar.

Sousa Ribeiro desincarnou no dia 18 de Janeiro último, aos 72 anos de idade. Médico homeopata e dentista, radicado em Campinas há muitos anos, era um dos Diretores do diário «Correio Popular», dessa cidade e foi, durante anos, colaborador do suplemento dominical da «Folha da Manhã».

Do «Correio Popular», de Campinas, de 19/1/956, transcrevemos as seguintes notas sobre esse vulto do Espiritismo no Brasil:

«Espírita de convicções profundas, Sousa Ribeiro foi, talvez, o maior propagandista dessa doutrina em língua portuguesa. Perfilhara, desde a mocidade, os ensinamentos kardecistas e desde então a sua vida foi inteiramente dedicada à difusão do Espiritismo sob vários aspectos. Conferencista, percorreu, na faina da pregação, dezenas e dezenas de cidades do Estado de São Paulo, e na imprensa deixou o seu nome indelévelmente registrado. Os seus artigos sobre a matéria sobem a alguns milhares. Manteve acirradas polémicas em algumas folhas do interior paulista, e em outras de várias cidades brasileiras. A «Revista Internacional do Espiritismo», «O Reformador», «O Clarim» e tantos outros órgãos acolheram, durante meio século, a colaboração ininterrupta de Sousa Ribeiro, que foi um trabalhador infatigável. Profundo conhecedor de toda a literatura espírita, argumentava com clareza e elegância, mostrando, nesse campo dos conhecimentos, uma erudição que poucos talvez possuam. Artigos seus, de índole filosófica, foram divulgados pelo «Correio Popular», onde também publicou dezenas de poesias. Nos últimos tempos, os seus versos vinham sendo estampados na «Folha da Manhã», prestigioso matutino paulista.

Dessa fase de suas atividades religio-

sas são dois livros de Sousa Ribeiro: «A Questão Religiosa na Rússia» e a «Estigmatizada de Campinas».

— O dr. Joaquim de Sousa Ribeiro era um dos principais acionistas da sociedade anônima a que pertence o «Correio Popular», ocupando há muitos anos, com exemplar dedicação, as funções de Diretor Tesoureiro. Pertencia, igualmente, à direção do Sanatório Santa Isabel, onde desempenhava o cargo de vice-presidente. Fazia parte, também, do corpo clínico dêsse hospital.

— O dr. Joaquim de Sousa Ribeiro, natural de Caeté, no Recôncavo baiano, era filho de Joaquim Emilio Ribeiro e de D<sup>a</sup>. Laura Chaves de Sousa Ribeiro, já falecidos. Veio para São Paulo, fixando-se em Campinas, aos 16 anos, e aqui fez os seus estudos de curso superior. Diplomou-se, em 1907, pela Faculdade de Odontologia de São Paulo, e bem mais tarde, em 1920, cursou a Faculdade de Medicina Hanemanniana, do Rio, colando grau na turma de 1920.

Era casado com a sra. Nancy Pacheco de Sousa Ribeiro e deixa os seguintes filhos: Dr. Omar de Sousa Ribeiro, médico, casado com d. Maria Sestilia Pelicano de Sousa Ribeiro; Prof. Alaor Pacheco Ribeiro, casado com d. Erminda Vial Ribeiro; Dirce Ribeiro Castejon, casada com o dr. Cândido Dias Castejon, promotor público na Capital; Nise Ribeiro Silva, casada com o dr. Egberto Silva, médico em São Paulo; Hilton Pacheco Ribeiro, jornalista, casado com d. Olga Rigotti Ribeiro e Elcy Pacheco Ribeiro, solteira, bibliotecária da Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo, em São Carlos. Deixou ainda, 14 netos».

O sepultamento de Sousa Ribeiro realizou-se no dia 19, saindo o ferêtro da Rua Barreto Leme, 985, diretamente para o Cemitério da Saudade. A' saída do ataúde, a srta. prof.<sup>a</sup> Elisabeth Steagall pronunciou sentida oração, formando-se depois o cortejo fúnebre, dos mais extensos.

Ao baixar o corpo à sepultura usaram da palavra o confrade Benedito Gonçalves do Nascimento e o jornalista Luso Ventura, redator-chefe do «Correio Popular».

Solicitamos a Jesus proporcionar a este seu servo dedicado, mais luzes ainda, afim de que êle possa iluminar ainda mais a humanidade sob a égide do Véro Cristianismo.



## O Espírito do Cristianismo

---

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# OBRAS RECOMENDÁVEIS

## Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus  
Vida e Atos dos Apóstolos  
O Espírito do Cristianismo  
Cristianismo e Espiritismo  
Na seára do Mestre  
Em torno do Mestre  
Na Escola do Mestre  
O Espiritismo à Luz do Evangelho

## Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo  
Livro dos Espíritos  
Livro dos Médiuns  
O Céu e o Inferno  
Obras Póstumas  
A Genesis  
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas  
Doutrina Espírita  
O que é o Espiritismo

## Vários assuntos:

A Alma é Imortal  
Animismo ou Espiritismo?  
A Grande Esperança  
Comentários à Historia das Religiões  
Um caso de Desmaterialização  
Materia ou Espírito?  
Ciência Metapsíquica  
Espiritismo e Loucura  
A reencarnação e suas provas  
O Esp. e os Problemas Humanos  
As Noúres  
A crise da Morte  
Fenômenos de «Transporte»  
Tem Razão?  
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.  
Cientismo e Espiritismo  
O Espiritismo perante a ciência  
Reencarnação e suas provas  
Sessões Práticas e Doutrinárias do  
Espiritismo  
No Invisível

## Romances:

A Granja do silêncio  
Estela  
O Sinal da Vitória  
Almas Crucificadas  
Casa Assombrada (A)  
O Solar Fatídico  
A Lenda do Montinhoso  
Do Calvário ao Infinito  
Marieta  
Marta  
Memórias do Padre Germano  
Na Sombra e na Luz  
Vítimas do Preconceito  
Vingança do Judeu (A)  
Eleonora  
Alguem chorou por mim  
Mireta  
Herculanum  
Almas que Voltam  
O céu em nossas almas  
Lidia  
Abadia dos Beneditinos  
Chanceler de Ferro  
Dôr Suprema  
Redenção  
Reis, Príncipes e Imperadores  
Mansão Renoir

## Infantis:

Catecismo Espírita  
Os milagres de Jesus  
Historietas do Irmão Monteiro  
João Vermelho no Mundo dos Espíritos  
Contos Infantís Espíritas  
Alvorada Cristã  
Caminho Oculto (O)  
História que Jesus contou  
Filhos do Grande Rei (Os)  
História de Maricota  
Jardim da Infância  
O Meu Diário  
O Espiritismo na Infancia  
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração  
**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 60,00
	Semestre	— " "	30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	70,00
	Semestre	— " "	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	75,00

**NUMERO AVULSO CR. \$5,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro



